



—Livro diz que identitarismo é uma armadilha e uma das razões da ascensão da direita populista

Os riscos do extremismo identitário

Autor acredita que, se Donald Trump for eleito para a Casa Branca, boa parte da explicação se deverá aos efeitos do identitarismo



ENTREVISTA

Yascha Mounk
Cientista político

GUILHERME EVELIN

Conhecido pela sua obra sobre a crise das democracias liberais, o cientista político Yascha Mounk começa seu quinto livro com a história de uma mãe negra que tentou, em 2020, matricular sua filha de 7 anos numa turma de escola pública de um subúrbio rico de Atlanta, na Geórgia, nos EUA. Apesar da tentativa de que a filha tivesse aulas com uma professora específica, a diretora da escola, também negra, repeliu o pedido com o seguinte argumento: “Essa não é a classe de alunos negros”.

Mounk junta esse caso, que virou uma controvérsia judicial, a outros exemplos de escolas públicas e de elite nos EUA que dividem os alunos conforme sua etnia ou raça. Seu objetivo é mostrar como parte crescente das instituições americanas passou a adotar um “segregacionismo progressista” com base na ideia de que é preciso encorajar as pessoas a adquirir consciência de sua raça, assim como de outras formas de identidade, como gênero e orientação sexual, para lutar contra injustiças.

Com a emergência dessa ideologia, que Mounk batiza com o nome de “síntese identi-

tária”, antigas ideias universalistas, como a noção de que não existe raça, estão sendo abandonadas e substituídas pelo credo de que “somos todos seres raciais”. Em *Identity Trap: a story of ideas and power in our time* (em tradução livre: “A armadilha identitária: uma história de ideias e poder em nosso tempo”), lançado recentemente nos EUA e ainda sem publicação no Brasil, Mounk argumenta que isso é um retrocesso contraproducente. Ele diz que o identitarismo alimenta a ascensão da extrema direita no mundo e acredita que, se Donald Trump for eleito para novo mandato na Casa Branca, boa parte da explicação se deverá aos efeitos dessa ideologia.

No livro, Mounk, um pensador de esquerda, prega que, para se contrapor tanto ao identitarismo como ao populismo de extrema direita, é necessário defender os valores universais do liberalismo, como igualdade de oportunidades e liberdade de expressão.

Por que o identitarismo ou a síntese identitária é uma armadilha?

O que temos visto ao longo das últimas décadas é o surgimento de uma nova ideologia, que transformou o que significa estar à esquerda. É um conjunto de ideias que diz que só podemos entender o mundo sob o prisma de categorias de identidade, como raça, gênero e orientação sexual. É uma ideologia bastante radical e que se opõe a valores universais, que



DANIEL TEIXEIRA/ESTADÃO - 25/4/2019

Yascha Mounk
Professor da Universidade Johns Hopkins, nos EUA. Nascido na antiga Alemanha Ocidental, é filho de poloneses

historicamente têm sido a aspiração das nossas sociedades. O apelo dessa ideologia decorre da promessa de que ela seria a maneira mais íntegra de lutar contra injustiças que moldam hoje nossas sociedades, do Brasil aos EUA. Movimentos sociais e reformas legislativas ajudam no enfrentamento dessas injustiças, mas raramente o fazem tão rapidamente ou de forma tão abrangente quanto se espera. Assim, alguns daqueles que são legitimamente motivados pela persistência da injustiça concluem que precisamos de uma ruptura muito mais radical com o status quo. Os defensores da síntese identitária rejeitam os valores universais e as regras neutras, como a liberdade de expressão e a igualdade de oportunidades, como meras distrações que visam a perpetuar a marginalização dos grupos minoritários. Essa ideologia, porém, conduz a más políticas públicas que pioram a situação de todos. Também encoraja formas de conflito político de soma zero que vão exacerbar nossas tensões sociais e acabam por ajudar, em vez de pre-

judicar, algumas das mais perigosas forças políticas de extrema-direita. Nos EUA, cerca de 10% do eleitorado republicano é agora um novo grupo de eleitores que são predominantemente jovens, não brancos, liberais em questões sociais e culturais, mas profundamente preocupados com o papel do que eles chamam de “wokeness” (termo que pode ser traduzido como despertar) em nossas instituições. Se Donald Trump reconquistar a Casa Branca, como as pesquisas sugerem, estes eleitores serão grande parte da razão para isso.

Há alguns anos, dizia-se que somos todos seres humanos e não existe tal coisa chamada raça. Agora, o discurso progressista passou a ser que somos todos seres raciais. Como ocorreu essa mudança?

Uma das coisas que chama a atenção nesta nova ideologia é a forma como deu tintas progressistas a ideias que são fundamentalmente de direita. Quando eu era criança na Europa, na década de 1980, a ideia

de que não podemos nos entender se nascemos em grupos de identidade diferentes, ou a ideia de que deveríamos nos preocupar com a influência de grupos estrangeiros em nossa cultura, eram obviamente de direita ou de extrema direita. Hoje, a afirmação de que não é possível para uma pessoa entender a realidade de outra se elas estiverem em diferentes interseções de identidades ou a ideia de que devemos nos preocupar com formas de apropriação cultural, quando um integrante de um grupo dominante é inspirado pela cultura de um grupo marginalizado, estão no centro do discurso de esquerda. É uma transformação surpreendente e estranha. Para compreender essa mudança, é importante recuperar a história intelectual desta ideologia, cujas primeiras raízes estão no pós-modernismo, que rejeitou as ideologias então existentes. Houve posteriormente uma repolitização por pensadores da tradição pós-colonial que passaram a usar as ideias dos filósofos pós-modernos para a batalha política, com o argumento de que, para fins práticos, as pessoas devem se definir pela raça ou pelo gênero ou pela orientação sexual para obter progressos.

Nos anos 1960, os jovens radicais de esquerda queriam derrubar o capitalismo. Na meia-idade, estavam ‘integrados’ ao sistema. O senhor discorda, ☺